

CERIMONIAL EM REVISTA

**DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA**

Assine gratuitamente em:
www.pedroamorim.com

A REVISTA DO CERIMONIAL



ARTIGOS

**PROTOCOLO DE
"BAIXA VISIBILIDADE":
A BOA PRÁTICA DA
REUNIÃO DO G7**

POR AMÍLCAR MARIO KYNTA

**OS JOGOS OLÍMPICOS E
ALGUNS FATOS
PROTOCOLARES**

POR MIGUEL MACEDO

**CASAMENTO NA
PRAIA: EXPERIÊNCIA
QUE EXIGE MUITOS
CUIDADOS**

POR HELLEN NOGUEIRA

**CERIMONIAL NA
REGIÃO AMAZÔNICA:
MINHAS VIVÊNCIAS E
APRENDIZADOS**

POR SÔNIA RODRIGUES

**O CERIMONIAL NAS
INSTITUIÇÕES PRIVADAS E
ASSOCIAÇÕES DE CLASSE -
UM OLHAR SOBRE A OAB**

POR LUCAS PEREIRA

**O CENÁRIO DAS
ATIVIDADES DE
EVENTOS NO PÓS-
PANDEMIA**

POR EDUARDO ESPOSEL

ÍNDICE

- 03 "Cerimonial também é mensagem"
Pedro Amorim | Editorial
- 05 "Protocolo de 'baixa visibilidade': a boa prática da reunião do G7"
Amílcar Mário Kynta
- 07 "Cerimonial na região amazônica: minhas vivências e aprendizados"
Sônia Rodrigues
- 10 "O cerimonial nas instituições privadas e associações de classe - um olhar sobre a OAB"
Lucas Pereira
- 12 "Os Jogos Olímpicos e alguns fatos protocolares"
Miguel Macedo
- 15 "Casamento na praia: experiência que exige muitos cuidados"
Hellen Nogueira
- 18 "O cenário das atividades de eventos no pós-pandemia"
Eduardo Esposel

REALIZAÇÃO:

**GESTÃO
Diamante**
CONSULTORIA

EXPEDIENTE | ED. 7

Editor-chefe: Pedro Amorim

Revisão final: Renata Cunha

Colunistas da edição: Amílcar Mário Kynta, Eduardo Esposel, Hellen Nogueira, Lucas Pereira, Miguel Macedo e Sônia Rodrigues.

Iniciativa e realização: Gestão Diamante Consultoria | Estratégia em Cerimonial e Eventos.

Contato: cerimonialemrevista@gmail.com

Assine gratuitamente em: www.pedroamorim.com

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total sem a devida citação da fonte e dos autores. As ideias e opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões da revista.

EDITORIAL

CERIMONIAL TAMBÉM É MENSAGEM

"O meio é a mensagem". Com esta afirmação aparentemente simples, o educador e filósofo canadense Marshall McLuhan revolucionou os estudos modernos da comunicação, em 1964. Para ele, tão importante quanto (ou ainda mais que) a mensagem é o meio escolhido estrategicamente para veiculá-la, pois ambos se complementam na compreensão do receptor. E assim são o Cerimonial e o Protocolo, integrados. Também são mensagens, porque trazem consigo conteúdo a ser transmitido. A premissa de McLuhan de que uma mensagem não pode ser compreendida adequadamente sem um meio que a complemente aplica-se perfeitamente à como a escolha das regras e conceitos de Cerimonial e Protocolo durante um evento ou ato solene nos ajuda a atingir os objetivos institucionais e estratégicos definidos. São o Cerimonial e o Protocolo que possibilitam à mensagem de um evento ser compreendida pelo público-alvo.

Nesta edição da **Cerimonial em Revista**, seis diferentes e ricas abordagens sobre o papel da atividade nesta construção de mensagens nos ajudam a compreender o poder e a responsabilidade que temos. Após um hiato de 5 anos, os olhos do mundo estão voltados para Tóquio, para mais uma edição dos Jogos Olímpicos, em especial para a cerimônia de abertura (que, não por acaso, é sempre um espetáculo artístico e protocolar cujos ingressos e audiência são mais altos que os de qualquer disputa).

Não somente no esportivo, mas o mesmo se aplica ao cerimonial social, público, corporativo, entre tantos outros contextos. Que mensagem os noivos querem transmitir quando decidem realizar um casamento na praia, por exemplo? Um artigo detalhado sobre essa experiência nos ajuda a compreender as especificidades deste ritual. Da mesma forma, as ricas mensagens que nos transmitem os rituais das cerimônias e experiências de uma das nossas colunistas, durante anos de trabalho na região amazônica. Ou da importância de o Cerimonial entender e respeitar o contexto nos ambientes corporativos e de associações de classe para que a mensagem chegue ao público-alvo destas instituições.

Neste início de segundo semestre de 2021, também merece nossa atenção um breve olhar prático e realista sobre o cenário atual dos eventos, à medida em que o esperado pós-pandemia se aproxima. É importante estarmos atentos às escolhas que fazemos, para que a mensagem não seja vista de maneira equivocada. E vamos além: mais do que sermos vistos, é um outro tipo de protocolo de "baixa visibilidade" que abre a nossa edição, a partir de um olhar sobre a descrição dos trabalhos protocolares da última reunião dos países do G7. Afinal, nem sempre é pelo barulho ou pela exposição que se faz notar uma intenção. Talvez as mais silenciosas sejam também as mais poderosas. Sempre será uma questão de estratégia, meio e mensagem.



PEDRO AMORIM

CEO GESTÃO DIAMANTE

CONSULTOR EM GESTÃO ESTRATÉGICA DE CERIMONIAL E EVENTOS

EDITOR-CHEFE "CERIMONIAL EM REVISTA"

E-MAIL: PEDROAMORIM@GMAIL.COM

INSTAGRAM: [@PEDROAMORIM.CERIMONIAL](https://www.instagram.com/PEDROAMORIM.CERIMONIAL)

A **Cerimonial em Revista** existe como espaço de reflexões e opiniões de profissionais de Cerimonial e eventos, para suscitar debates relevantes.

Exclusivamente composta por artigos opinativos, a publicação conta com diferentes colunistas convidados a cada edição, para dar voz ao maior número possível de profissionais, professores e colegas que estejam dispostos a compartilhar suas próprias reflexões.

Leia, contribua, distribua!



"Espaço do Leitor" em breve!

*Está gostando dos conteúdos da revista?
Eles são relevantes e importantes para você?
Gostaria de compartilhar alguma situação ou
sua visão sobre o que leu?
Mande sua opinião ou seu relato de como a
revista tem contribuído para você e a
publicaremos em um espaço especial!*

BOA LEITURA!

Izabel Barros

ESPECIALISTA EM CERIMONIAL
E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

📞 68 9 9201-3099

☎ 68 9 9231-4301 | R.S.V.P.

📷 izabelbarrosac

f Izabel Barros Assessoria

📺 Izabel Barros cerimonialista

✉ ibcerimonial@hotmail.com

📍 Rio Branco/AC



Izabel Barros

ESPECIALISTA EM CERIMONIAL
E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS
Rio Branco/AC



CLIQUE NOS ANÚNCIOS PARA MAIS INFORMAÇÕES

GESTÃO
Diamante
CONSULTORIA

Webinars, Palestras e Treinamentos in company

GESTÃO DA IMAGEM E REPUTAÇÃO

GESTÃO DE PESSOAS

GESTÃO DA QUALIDADE

GESTÃO DE PROJETOS

GESTÃO DO RELACIONAMENTO

GESTÃO DE PROCESSOS E INOVAÇÃO

GESTÃO DE DESEMPENHO

GESTÃO DO CONHECIMENTO

GESTÃO DE RISCOS E CRISES

TÉCNICAS DE NEGOCIAÇÃO E CONFLITOS

Valorize seu lado
profissional.
Aprimore suas
dimensões.



www.pedroamorim.com

Gestão Diamante Consultoria

Protocolo de "baixa visibilidade": a boa prática da reunião do G7

Depois de um longo "recesso" imposto pela pandemia da COVID-19, os líderes das sete maiores economias do mundo, conhecido como "G7", voltaram a reunir-se, no mês de junho de 2021, desta vez em terras de Sua Majestade, a Rainha Elizabeth II. Do ponto de vista do cerimonial e protocolo, chamou a minha atenção a "foto de família" tirada na presença da Monarca inglesa. Viu-se aqueles líderes caminharem a sós - entenda-se sem o usual acompanhamento dos profissionais de cerimonial e protocolo, até ao local da referida foto. Aí chegados, cada um dirigiu-se para o seu respectivo lugar, o que denotou conhecimento prévio do esquema protocolar que havia sido montado.

Será que o ato a que nos referimos não terá tido o habitual apoio protocolar? Obviamente que sim, como facilmente se pode imaginar. O protocolo é um "convidado" obrigatório deste tipo de atos e cerimônias, sendo a sua presença, todavia, tão discreta quanto possível. Como se pode constatar nas imagens televisivas que circularam o mundo, no início e ao final da cerimônia, vê-se, ao fundo, os profissionais de cerimonial e protocolo. A presença destes profissionais aconteceu longe dos holofotes, o que se destinou, como recomenda a boa prática protocolar, a não atrair atenção.

A propósito, existe, na Polícia Nacional, o conceito de "policiamento de baixa visibilidade". Trata-se de um modelo de policiamento em que a presença dos agentes das forças de ordem pública é feita sem ostensiva visibilidade. Este modelo de policiamento pode, no contexto do cerimonial, ser metamorfoseado num protocolo de baixa visibilidade.

*AMILCAR MARIO KYNTA
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DE PROFISSIONAIS DE
CERIMONIAL E PROTOCOLO DE
ANGOLA, VICE-PRESIDENTE DA
OICP E ACADÊMICO
CORRESPONDENTE DA
ACADEMIA BRASILEIRA DE
CERIMONIAL E PROTOCOLO.



Sinto que alguns profissionais de cerimonial e protocolo ainda têm de emular a boa prática da Polícia Nacional. Ainda assistem-se cerimônias e atos com uma excessiva presença destes profissionais, em contramão dos bons cânones sobre o assunto.

Com efeito, aquilo que chamo de modelo de protocolo de baixa visibilidade está no cerne do exercício da função protocolar. A discrição é um dos requisitos de um bom profissional de cerimonial e protocolo.

Isto encontra, de resto, respaldo no Código de Ética e Deontologia da Organização Internacional de Cerimonial e Protocolo, aprovado em 2006. O número 20 do Capítulo II deste Código dispõe o seguinte:

“A atividade do profissional do Protocolo deve realizar-se abertamente e ser em todo momento identificável. Não obstante, o seu papel é de absoluta discrição sem que lhe corresponda protagonismo algum nos eventos em que participe ou colabore.”

Por conseguinte, para os profissionais de cerimonial e protocolo, a discrição é um valor absoluto.

Digamos que, num evento, os holofotes são para as entidades protocolares e não para quem presta apoio protocolar. Abro, aqui, um parênteses para recordar que similar divisa caracteriza a acuação de um mestre de cerimônias. Ele não deve ser o centro de atenção do evento por si apresentado.

O modelo de protocolo de baixa visibilidade requer, entretanto, um incremento no *briefing* que os profissionais de cerimonial e protocolo prestam às várias entidades. É este *briefing*, necessariamente apoiado por elementos visuais, que permite que aquelas entidades conheçam previamente o cenário e esquema planeado para um dado ato ou cerimônia. Quando isto ocorre, obviamente, a visibilidade do protocolo será baixa, o que contribui para elevar ainda mais a majestade do evento.

Por conseguinte, o que assistiu-se na citada Cimeira do G7 traduz fielmente a importância de um *briefing* pré-evento. As autoridades devem ser alimentadas de suficiente informação com vista a permitir-lhes contextualizar e vivenciar o evento ainda antes da sua ocorrência. A eficácia desta contextualização dependerá, em última instância, da quantidade e qualidade da informação que for prestada a estas autoridades.

Trata-se, digamos assim, de um território em que o detalhe deve sobrepor-se à simples generalização. Aliás, já alguém dizia que “a grandeza e a simplicidade de Deus estão nos detalhes.” Por isso, não basta apenas informar, por exemplo, que a determinada autoridade estará posicionada no lugar central; devendo-se, ainda, informá-la quem a ladeará à direita e à esquerda, respectivamente. Entretanto, o referido *briefing* fica, sobretudo, facilitado pelo fato de os profissionais de cerimonial e protocolo conhecerem antecipadamente o palco do evento.

É por esta razão que existem os chamados “Grupos de Avanço” ou “Equipes Precursoras”, que são geralmente integrados por profissionais do cerimonial e protocolo, da comunicação e da segurança. Logo, para a garantia de um protocolo de baixa visibilidade, é essencial o levantamento feito *in loco* por estes grupos avançados.

Termino fazendo alusão ao número 29 do Capítulo III do Código de Ética e Deontologia da Organização Internacional de Cerimonial e Protocolo, segundo o qual o profissional de cerimonial e protocolo “renuncia a todo protagonismo” nos eventos que organize, dirija, assessor ou controle. Para que tal desiderato possa ser alcançado, é imperativo que, em todos os momentos da sua atuação, aquele profissional esteja plenamente ciente do referido comando ético. Consequentemente, a sua presença deve restringir-se ao mínimo necessário, o que gerará na audiência a sensação de uma sequência natural de atos. Este “automatismo” presente no cerimonial e protocolo, longe de ofuscar a relevância de um evento, confere-lhe, em nosso entender, mais naturalidade, pompa e calor humano. Haja, pois, baixa visibilidade na prestação do apoio protocolar.



Líderes das nações do G7 e da União Europeia reunidos para foto de família no Reino Unido. Foto: EyePress News / EyePress via AFP

AMÍLCAR MÁRIO KYNTA (LUANDA, ANGOLA)

E-MAIL: MARQUINTA@YAHOO.COM

Cerimonial na região amazônica: minhas vivências e aprendizados



***SÔNIA RODRIGUES**

CERIMONIALISTA, COORDENADORA DO CNCP BRASIL - SUDESTE. PEDAGOGA, PROFESSORA, COM ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR. DIRETORA SOCIAL DO SASAMAN, COM VASTA EXPERIÊNCIA EM REGIÕES DE DIFÍCIL ACESSO E RIQUEZA CULTURAL. VOLUNTÁRIA DO PROJETO HUMANITÁRIO BEM SERVIR.

Com algumas décadas de experiência como cerimonialista, muitas histórias e vivências ocupam lugar na minha mente e no meu coração. Sem dúvida, uma das mais especiais aconteceu durante o período que vivi na Amazônia e, por esta razão, escolhi compartilhar um pouco desta história com vocês neste artigo especial.

Amazônia x São Gabriel da Cachoeira

Por que falar sobre a Amazônia? Sobre São Gabriel da Cachoeira? Afinal, onde é isso? Talvez seja um lugar desconhecido para alguns, mas para mim tem sentido. De um modo especial eu tenho que agradecer a Deus todos os dias pela oportunidade que meu marido na época, 1991, teve a feliz ideia, como jovem capitão do Exército Brasileiro e da Arma de Infantaria, em ser voluntário para servir num Batalhão de Selva. O 5º BIS – Quinto Batalhão de Infantaria de Selva.

Vejam só, era verão de 1991, uma nova aventura nos propôs a vida. Essa caminhada teve início no Rio Grande do Sul, onde morávamos em São Leopoldo, indo parar em São Gabriel da Cachoeira no Amazonas. No primeiro momento me assustei! Veio-me a pergunta: "que Brasil é esse"? A resposta, só o tempo nos revelou. É o mesmo Brasil que já conhecemos! Nossa Pátria Amada, apenas visto de outra situação! Mas até aí, chegar no Amazonas houve bastante curiosidade e estudo.

Amazônia – O Impacto Humano

A região é habitada há pelo menos 13 mil anos. Hoje são mais de 34 milhões de moradores. No século XX, as atividades humanas exerceram pressões insustentáveis sobre o ambiente. Bem sabemos que a Amazônia brasileira é uma área de grande importância geopolítica, de potencialidades incalculáveis, riqueza mineral, o maior banco genético da flora e fauna e a maior reserva de água doce e potável e bacia hidrográfica do planeta.

Costumamos dizer que na Amazônia “os rios são as estradas” que levam o apoio às cidades e às populações ribeirinhas, constituindo-se no mais importante fator de integração regional. Nela encontramos 2/3 do potencial hidrelétrico do País. Sua vegetação contém o maior ecossistema do planeta, com biodiversidade incomparável e riquíssima, clima quente e úmido na maior parte de sua área.

Importância do Exército Brasileiro na Região

Ressalta-se que as estreitas ligações do Exército Brasileiro com a Região Amazônica ficaram definitivamente consolidados através da obra do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Daí vem a história onde se une ao Exército Brasileiro, Fator de Integração Nacional, com a criação do Comando de Elementos de Fronteira em Manaus.

De 1950 a 1986 – ano que marcou início do Programa “Calha – Norte”, tivemos a criação do Comando Militar da Amazônia, com isso numa das variadas divisões já criadas às Companhias Especiais de Fronteira daí São Gabriel da Cachoeira – 5º BIS, com ele o Comando de Fronteira do Rio Negro. Com as siglas CFRN/5ºBIS, nele os pelotões Querari, Cucuí, São Joaquim, Yauaretê, Maturacá, Pari-Cachoeira, Tunuí-Cachoeira esses são os PEFs – Pelotão Especial de Fronteira.

O Ambiente Amazônico impõe às operações militares onde as dificuldades ímpares fazem parte do dia a dia às quais exigem sobretudo flexibilidade e criatividade na sua superação. O Exército Brasileiro integra cidadão e militares para a grandeza e o bem estar da região.

Assim chegamos a esta cidade longínqua onde faltava luz e água frequentemente. Tive que aos poucos me adaptar aos costumes e com o que a região oferecia, mas com a riqueza natural, fui me adaptando. Primeiro como professora da língua portuguesa, literatura e didática da Estrutura para o curso de Magistério no Colégio São Gabriel.

Minha Nova Função – Chefia do Cerimonial

Iniciei minha experiência em Cerimonial no Alto Rio Negro. Fui convidada pelo prefeito Hamilton Gadelha para trabalhar como Chefe do Cerimonial da Prefeitura. Tudo era novo para mim, pois os Secretários de Educação, Esporte, Cultura e Meio Ambiente organizavam as festas e solenidades da Prefeitura Municipal.

Na época, a Sr^a Lourdes Buzaglo era a Chefe do Cerimonial do governo do Amazonas e organizou um Curso de Cerimonial para os Municípios, junto a Marcílio Reinaux, Gláucia Reinaux, Jack Corrêa, entre outros. Aí conheci o CNCP Brasil.

Um tanto assustada com as exigências e atribuições do cargo encarei o Cerimonial. Diante das dificuldades do lugar, fui me organizando, me aprimorando e me dando conta da importância do cargo. Visitas constantes de autoridades no município, cerimônias e inaugurações.

Uma dessas visitas mais ilustres ao município de São Gabriel da Cachoeira foi a Sr^a Ruth Cardoso, na época esposa do Presidente da República Fernando Henrique e Coordenadora do programa Universidade Solidária, onde unia uma Universidade da Região Norte a outra área do Brasil. Ela escolheu fazer o encerramento no Amazonas, em São Gabriel, porque era socióloga e queria conhecer as tribos dos Yanomamis (lá quem domina a região é a missão das novas tribos do Brasil).

Não foi fácil montar toda a estrutura para os cinco dias em que a comitiva de 23 pessoas ficaria no município. Recebi a Sr^a Elizabeth Vargas – precursora da equipe onde alinhavamos a programação, onde constava uma Coletiva de Imprensa com Prefeitos das cidades vizinhas, uma gravação de uma cantora Marlui Miranda e apresentação numa Aldeia. Assim, fizemos numa maloca da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Alto do Rio Negro) onde teve uma dança do Dabucuri, que é uma oferenda de frutas. A cidade com 6 hotéis e pousadas acomodou os visitantes e a comitiva de Brasília foi alojada em um hotel no meio do Rio Negro, um hotel que pertencia à juíza Dr^a Onilza Abreu.

Tal visita era da responsabilidade da Prefeitura Municipal, mas contamos com a colaboração do 5º BIS, 1ª/1º BEC, Hospital de Guarnição, Colégio São Gabriel, IBAMA, FUNAI, FOIRN, as apresentações foram para as comunidades indígenas, alunos das escolas locais e autoridades das cidades vizinhas. Constava no último dia a visita para conhecer a comunidade dos Yonamamis, o que para mim foi um grande desafio, mas me deu uma enorme bagagem profissional.



Visita da Sr^a Ruth Cardoso a São Gabriel da Cachoeira, em fevereiro de 2009. A cerimonialista Sônia Rodrigues a recebe ao lado do Prefeito Amilton Gadelha, no Aeroporto de Uaupes.

Foto: Acervo pessoal

O FESTRIBAL

Não posso deixar de destacar o FESTRIBAL - Festival Cultural das Tribos Indígenas do Alto Rio Negro, onde trabalhei arduamente para me inteirar de seu objetivo.

Criado em 1997 com uma enorme estrutura de organização, com 1.200 figurantes na área coberta do ginásio do Colégio São Gabriel, três dias com apresentações de danças variadas, de acomodação, de contratação de bandas de Manaus, um verdadeiro espetáculo onde as culturas se misturam para a exibição dos enredos variados. É, sem dúvida, uma atividade cultural e turística onde se agrupam Yanomamis, Tucanos, Baniwas, Makus, Camãs, no qual se unem também o místico cultural e o folclore. A cada passo de dança, a cada som emitido pelas flautas e tambores, a cada grito de guerra, a cada piscar de olhos, a cada oferenda, a magia nos presenteia em poder sonhar.

Na sua essencialidade este é o único Festival Indígena do Brasil, aflorando ao som dos tempos na garganta dos pajés e guerreiros, na luta por vida e na mostra de sua cultura. Assim descrevem suas consciências, deixando rastros de esperança e de fé, todos contados em forma de poesia, música e dança no Palco do Festribal. O Festribal não se resume somente a culinária regional, em artesanato, em caxiri em xibé ou nas danças milenares, existe em seu contexto um sonho sonhado por gente de todo o tempo secular que foi plantado pela mão divina e que ainda busca germinar e frutificar.

O caxiri alimenta a alma poética e o dabukuri aviva a sina profética numa troca de oferendas regionais, os corpos pintados para essa grande festa dos povos, vão afigurando as eras ao som de flautas, no tom dos arcos, flechas, zarabatanas, emplumando e enfeitando a vida.



Registro do Festribal, em São Gabriel da Cachoeira
Foto: Acervo pessoal



Registro do Festribal, em São Gabriel da Cachoeira.
Foto: Acervo pessoal

Por fim... Selva!

Em São Gabriel da Cachoeira o bom dia e o boa tarde é tocado por uma palavrinha mágica, todos se cumprimentam com – SELVA !

Deus se faz presente neste lugar mágico! A mão sempre estendida, o amor constante unifica as pessoas e aniquila as diferenças se é que elas existem.

A bandeira da PAZ e da liberdade tremulam em São Gabriel da Cachoeira hasteada na consciência de seu povo!

Lá encontrei tantas respostas, da simplicidade respeito e da humanidade! Lá aprendi a valorizar mais nossa terra, foi um privilégio e me sinto orgulhosa em ter vivido 8 anos num lugar onde o encanto e a magia reinam em qualquer lugar.

Lá o tempo me revelou que é um lugar como diz a música
“abençoado por Deus e bonito por natureza!”

**A todos minha gratidão e...
SELVA!!!**

SÔNIA MARIA RODRIGUES DOMINGUES (RIO DE JANEIRO, RJ)

E-MAIL: SONINHA.RODRIGUES04@BOL.COM.BR

O cerimonial nas instituições privadas e associações de classe - um olhar sobre a OAB

No mundo atual nos deparamos com inúmeros desafios e um dos maiores é o de estabelecer um relacionamento harmonioso entre as pessoas, levando em consideração as múltiplas facetas e as diversas forças sociais e culturais existentes. Mas como isso é possível numa sociedade tão complexa e de instituições tão diversas? Essa realidade se torna ainda mais desafiadora quando nos deparamos com a maior entidade de classe deste País continental, sobretudo com características muito peculiares e que trarei para o debate saudável neste periódico que tem engrandecido o cerimonial mês a mês com suas publicações.

A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) congrega mais de 1,2 milhão de profissionais. No entanto, bem mais do que o caráter corporativo, a advocacia tem função institucional prevista na Constituição Federal como indispensável à administração da justiça e, a OAB, um papel central na defesa das instituições, dos interesses coletivos da sociedade, dos direitos do cidadão, da Constituição e da democracia. Os ritos, costumes, cultura vivenciada na Instituição é próprio do ambiente jurídico, agregado ao aspecto corporativista e privado de entidade de classe e representação social.

Dentro da estrutura e cultura organizacional, a entidade desenvolveu protocolos ao longo desses anos que devem ser observados por seus dirigentes, membros, servidores, autoridades e instituições com as quais se relaciona.

Essas diretrizes buscam estabelecer um padrão nacional, respeitando as particularidades regionais.



*LUCAS PEREIRA
RELAÇÕES PÚBLICAS,
CERIMONIALISTA, MESTRE DE
CERIMÔNIAS, COORDENADOR
DE COMUNICAÇÃO E
CERIMONIAL DA ORDEM DOS
ADVOGADOS DO BRASIL -
SECCIONAL DA PARAÍBA.
ASSOCIADO AO CNCP BRASIL, À
ABPC E À OICP.

É no contexto privado que está inserido o cerimonial da OAB, mais especificamente no que chamamos de corporativo. Entretanto, pela característica da instituição e da profissão de advocacia, sua natureza é de uma organização privada que tem múnus público.

A Ordem dos Advogados do Brasil compõe o sistema de justiça brasileiro, é uma das tríades do judiciário, posicionada como estabelecido na Lei Nº 8.906, de 4 de Julho de 1994 - Estatuto da Advocacia e da OAB, que em seu Artigo 6º diz: “Não há hierarquia nem subordinação entre advogados, magistrados e membros do Ministério Público, devendo todos tratar-se com consideração e respeito recíprocos.”

Tomando como base os princípios citados, foi incorporado esse papel ao cerimonial da OAB e os protocolos refletem a natureza “sui generes” da instituição, que firma posição para garantir o que estabelece a legislação e sua função social, claro, alinhado à aplicação das normas do cerimonial brasileiro.

Importante pontuar que não estou querendo enaltecer ou atribuir status diferenciado à OAB, mas sim, a partir de uma análise para que possamos compreender melhor o contexto e aplicar a norma da forma mais adequada na instituição e para com ela, bem como dela para com as demais. No âmbito da OAB, tomamos como base as normatizações existentes no Brasil e somos também regulados pelo Provimento 96/2001. Esta regulamentação própria que, ao meu ver também precisa de atualização, estabelece alguns protocolos e precedências, por vezes controversa em alguns aspectos no meio cerimonialístico, conflitantes com entendimentos de alguns colegas. Respeitando a opinião diversa, é baseado na nossa natureza jurídica e do que já foi exposto no texto introdutório deste artigo que norteiam as nossas normativas internas. Some-se a isso, o Supremo Tribunal Federal (STF), a mais alta corte de justiça do Brasil, por meio do então Ministro Eros Grau, prolatou decisão que “a Ordem é um serviço público independente, categoria ímpar no elenco das personalidades jurídicas existentes no direito brasileiro.”

Desta forma, o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, no uso das atribuições que são conferidas pelo artigo 54, inciso V, da Lei nº 8.906, de 04 de julho de 1994, e tendo em vista a necessidade de regular, de modo uniforme, o cerimonial a ser observado nas solenidades do Conselho Federal, Conselhos Seccionais e Subseções, CONSIDERADA A NATUREZA DA ENTIDADE, QUE SE EXCLUI DE NORMAS SIMILARES EDITADAS PARA OS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS, resolveu fixar as normas do cerimonial das solenidades promovidas pelo Conselho Federal, pelos Conselhos Seccionais e pelas Subseções da OAB por meio de uma normativa própria.

Precedências, primazia, presidência das solenidades, composições de mesa, longos dispositivos de honra, entre outros, são vivenciados com particularidades próprias de uma instituição quase secular.

Seu organograma pode até ser presidencialista, mas sua essência está estabelecida na horizontalidade e na coletividade de seus conselhos e seus órgãos, o que nos traz demandas muito complexas e resultados encantadores. Juramentos, concessões de comendas, homenagens, titulações, insígnias, além de outros tantos atos e símbolos, refletem o que é essa Instituição, assim como a importância do cerimonial para o seu dia a dia. O que me encanta no exercício profissional na OAB é a preservação de valores históricos, refletidos nas solenidades e conduzidos pelo cerimonial. Diante disso tudo, entendo que nos cabe primeiramente a compreensão do porquê, o respeito à cultura própria da instituição e muita, mas muita criatividade para colocar em prática nossos conhecimentos técnicos de tal forma a passar a mensagem correta através dos protocolos próprios e legislações vigentes.

Por fim, entendo que a postura ética e os conhecimentos técnicos devam ser os pilares de uma equipe. O departamento de cerimonial deve estar harmonizado com a administração da instituição e uma boa equipe deve ser estruturada de acordo com a sua demanda. “Todos os profissionais são importantes na administração pública ou privada, desde que sejam capacitados para a função. Cerimonial é com cerimonialista” como bem nos ensinou a professora Eliane Ubillus.

O cerimonialista é um estrategista por excelência e a paixão no exercício da atividade é o nosso grande diferencial para atuar na Casa da Advocacia e da Cidadania.

LUCAS PEREIRA (JOÃO PESSOA, PARAÍBA)

E-MAIL: LUCASPEREIRA.RP@GMAIL.COM

INSTAGRAM: [@LUCASPEREIRACERIMONIAL](https://www.instagram.com/LUCASPEREIRACERIMONIAL)

Os Jogos Olímpicos e alguns fatos protocolares



***MIGUEL MACEDO**

PROFESSOR DE PROTOCOLO, COM MASTER EM PROTOCOLO, CERIMONIAL E COMUNICAÇÃO PELA EIP. ESPECIALISTA EM PROTOCOLO ESPORTIVO, COM 20 ANOS DE EXPERIÊNCIA NAS ÁREAS DE PROTOCOLO/VIP E GESTÃO DE EVENTOS.

Após um ano de adiamento, finalmente se realiza a XXXII Olimpíada, ou os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, com a cerimônia de abertura do dia 23 de julho, no Estádio Nacional do Japão. A pandemia que vivemos levou primeiro ao adiamento dos Jogos e já foi decidido, de forma definitiva, que não haverá público nos recintos desportivos.

Falar de Jogos Olímpicos é falar das cerimônias de abertura e de encerramento e das suas marcas protocolares. Para a minha geração, as edições de 1980 e 1984, Moscou e Los Angeles respectivamente, são memórias bem presentes e que marcaram para sempre as edições que se seguiriam, quanto ao espetáculo e aos programas das cerimônias.

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, foi a última em que o programa de abertura foi definido de forma tão protocolar e formal e de acordo com o que a Carta Olímpica define. Quatro anos depois, em Moscou, as questões teatrais, artísticas e culturais passaram a ganhar maior relevo, marcando uma nova era neste tipo de cerimônias.

Na abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos de 1980 em Moscou, no Estádio Olímpico, cerca de 6.800 cadetes do exército soviético dispostos numa bancada central em frente à bancada usada pelos dignatários e chefes de estado, criaram uma diversidade de imagens usando uma técnica de cartões, uma novidade até então nestes eventos.

Os cadetes praticaram durante cerca de seis meses para aperfeiçoar as suas formações com os cartões. Uma das mais memoráveis desses Jogos e da história das cerimônias olímpicas, foi a de um Misha (mascote dos Jogos de Moscou) a derramar uma lágrima, durante a cerimônia de encerramento do evento.



*Imagem do mascote "Misha" sobre o público durante cerimônia em Moscou.
(Foto: Los Angeles Times / AFP/Getty images)*

Quatro anos depois, na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Verão de 1984 em Los Angeles, 85.000 espectadores, com cartões coloridos, que estariam nos seus lugares e que tinham sido pré-atribuídos através de um sistema computadorizado, pouco antes dos desfiles das delegações participantes, formaram todas as bandeiras das nações presentes nos Jogos.

Em Moscou, marcado por um grande boicote ocidental, 14 países europeus, desfilarão sob a bandeira olímpica, como forma de protesto e não sob as bandeiras nacionais, algo que se tornou frequente e que é comum poder-se ver como no caso da Equipa de Refugiados, por exemplo.

As bandeiras tornaram-se elementos de destaque das cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos, sejam de verão ou de inverno.

A cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos de Inverno em PyeongChang, ficou marcada pelo desfile conjunto das duas Coreias, sob uma única bandeira. Porém, na cerimônia de encerramento, a Coreia do Norte não aceitou desfilar sob a bandeira da Coreia Unificada. A razão se deu pelo fato de que, na bandeira em questão, um ponto azul representava as ilhas Dokto, que são reclamadas pelo Japão (que, por sua vez, as denomina Ilhas Takeshima). Os protestos do Japão pelo fato de estas ilhas surgirem na bandeira, levaram a que a Coreia do Sul tivesse tentado que a Coreia do Norte aceitasse desfilar com uma bandeira da Coreia Unificada, mas sem a figura das ilhas Dodko, o que não foi aceito. As duas Coreias acabaram por desfilar separadamente, cada uma com a sua bandeira.

A própria bandeira Olímpica está envolta em muitas histórias. A primeira foi apresentada ao Comitê Olímpico Internacional (COI) nos Jogos Olímpicos de Verão de 1920, pela cidade de Antuérpia, na Bélgica. Ao final dos Jogos, a bandeira não pôde ser encontrada e teve que ser feita uma nova bandeira olímpica para os Jogos de Verão em 1924, realizados em Paris, a qual, o COI oficialmente ainda chama a essa, a "Bandeira de Antuérpia" ao invés de a "Bandeira de Paris".

A bandeira foi sendo transmitida entre as cidades anfitriãs dos Jogos Olímpicos ou Jogos Olímpicos de Inverno até os anos de 1952 (de Inverno) em Oslo, na Noruega, quando foi criada uma bandeira olímpica para ser usada apenas nas Olimpíadas de Inverno.

A bandeira de 1924 continuou a ser usada nos Jogos Olímpicos até os Jogos de Seul 1988, quando foi depositada no Museu Olímpico de Lausanne, na Suíça.

A atual bandeira Olímpica, que começou a ser usada nos Jogos de 1988, ganhou assim o cognome de bandeira de Seul.



Bandeira olímpica foi hasteada pela primeira vez nos Jogos de Antuérpia, em 1920. Foto: Revista L'Illustrazione Italiana, 1920/ Reprodução

De certa forma, os Jogos Olímpicos começam na cerimônia de encerramento e no momento em que a bandeira olímpica é entregue a um representante da cidade que acolherá os Jogos quatro anos depois. Mas nem sempre foi assim. Em Moscou, em 1980, a cerimônia foi diferente em função do forte boicote de países ocidentais e não houve cerimônia de transmissão de bandeira olímpica, entre Moscou e Los Angeles. A bandeira olímpica ficou na posse das autoridades de Moscou até 1984, altura dos Jogos de Los Angeles. Na cerimônia de encerramento, os EUA proibiram que a sua bandeira fosse hasteada, tendo sido no seu lugar hasteada a bandeira da cidade de Los Angeles.

As regras para estas cerimônias em nível protocolar estão definidas num dos mais importantes documentos olímpicos, a Carta Olímpica, que define vários aspectos dos Jogos e que contém um capítulo dedicado ao Protocolo. A Carta Olímpica foi publicada pela primeira vez em 1908, sob o título de *Annuaire du Comité International Olympique*. Algumas das regras contidas nesta primeira Carta foram, no entanto, escritas por Pierre de Coubertin, por volta de 1898.

A partir dos Jogos de Amsterdã de 1928, a comitiva de atletas gregos passou a ser a primeira a desfilar. No entanto, como organizadora, em 2004 ela tinha também o direito a ser a última do conjunto de países a desfilar no Estádio Olímpico.

Assim, em Atenas 2004, o desfile começou com a entrada de um porta-estandarte representando a Grécia, mas apenas esse atleta desfilou, entrando toda a comitiva grega, no final do desfile dos países participantes, como é protocolarmente habitual nas cerimônias de abertura.

A história mais recente dos Jogos Olímpicos e das suas cerimônias está cheia de fatos e de curiosidades em que as questões protocolares são elementos usados como referência e que ajudam a definir as próprias cerimônias.

Tóquio terá uma exigência ainda maior do que todas as edições recentes. Vai ser realizada em plena pandemia, ao se que sabe até agora sem público e com um número reduzidos de VIPs, de atletas e de oficiais. De certa forma podemos apostar que uma parte das cerimônias, desde o seu desenho inicial, terá sido alterada para levar em conta esta realidade em que vivemos. O Imperador Naruhito é o terceiro imperador japonês a proclamar a abertura de uma edição dos Jogos Olímpicos, depois de nos Jogos de Inverno de Nagano 1998 ter sido a vez do pai do atual soberano, o imperador Akihito, assim como o pai deste último, o imperador Hirohito, nos Jogos Olímpicos de 1964 e de Inverno de Sapporo em 1972.

Tendo em vista as medidas adotadas antes dos Jogos, em um contexto de temor de um novo surto da epidemia de Covid-19, apenas 1.000 pessoas serão autorizadas a assistir à Cerimônia de Abertura.

Para a ocasião, vários dignitários estrangeiros deverão fazer a viagem. A França e os Estados Unidos, os próximos países-sede dos Jogos de Verão, respetivamente em 2024 com Paris e em 2028 com Los Angeles, serão representados pelo Presidente francês Emmanuel Macron, e no caso da representação diplomática americana, a Casa Branca e as autoridades de Tóquio preveem a visita de Jill Biden para a abertura.

A ausência do Presidente dos Estados Unidos não é uma verdadeira surpresa. Em PyeongChang em 2018, os EUA fizeram-se representar pelo vice-presidente Mike Pence, e pelo secretário de Estado, John Kerry, na abertura dos Jogos Rio 2016 e a então primeira-dama Michelle Obama liderou a delegação dos EUA na cerimônia de abertura de 2012 em Londres.

Será, no entanto, curioso perceber como será e onde ficará a pira olímpica. Os jogos do Rio 2016 foram marcados pela inexistência de uma pira no estádio Olímpico, tendo existido, no entanto, uma réplica da pira olímpica na zona portuária da cidade e outra no estádio das cerimônias de abertura e de encerramento, o Maracanã.



Pira olímpica acesa em frente à igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro, durante os Jogos Olímpicos de 2016.

Foto: Bárbara Lopes / O Globo

**Esta e outras curiosidades protocolares
serão desvendadas na cerimônia de
Abertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio!**

MIGUEL MACEDO (PORTO, PORTUGAL)

E-MAIL: PROTOCOLAR1@GMAIL.COM

LINKEDIN: [/MIGUELMACEDO/](#)

Casamento na praia: experiência que exige muitos cuidados



***HELLEN NOGUEIRA**
 FORMADA EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS, CERIMONIALISTA E ASSESSORA DE CASAMENTOS DESDE 2017. ESPECIALISTA EM CASAMENTOS NA PRAIA, PIONEIRA EM ELOPEMENT WEDDING EM UBATUBA/SP.

Uma festa de casamento na praia pode ser o evento mais lindo e divertido já presenciado, tanto pelos noivos quanto pelos convidados. O cenário já garante uma paisagem incomparável com qualquer tipo de salão ou espaço fechado e só por isso uma festa de casamento na praia já tem muito para marcar na memória de todos.

Outro ponto a favor é o fato dos convidados ficarem à vontade, com calçados e roupas confortáveis, o que faz, principalmente, com que as mulheres se divirtam muito mais, sem a obrigação de usar um salto alto que poderá causar dor e cansaço poucas horas após o início da festa.

O ambiente descontraído e leve que uma festa de casamento na praia proporciona tem feito com que cada vez mais casais façam essa escolha para celebrar o seu grande dia. E, para que tudo seja perfeito, é importante prestar bastante atenção aos detalhes relacionados à segurança, infraestrutura e suporte para os convidados.

Neste artigo, eu reuni algumas dicas importantes sobre como organizar uma festa de casamento na praia.

Como organizar festa de casamento na praia?

A primeira dica para organizar uma festa de casamento, independentemente de onde for é: se possível, conte com uma empresa ou um profissional especializado.

Por mais que, a princípio, esse investimento possa parecer um gasto adicional, na prática o efeito no orçamento é exatamente o contrário.

Por que contratar uma empresa ou profissional para organizar a festa de casamento?

Um dos principais motivos é que as empresas e os profissionais da área já possuem experiências que você nem pode imaginar. Com certeza, já viveram momentos terríveis em casamentos, problemas técnicos, de segurança, de abastecimento e muitos outros.

Essa experiência faz com que eles saibam como resolver, sem incomodar os noivos, problemas que poderiam fazer com que uma festa se tornasse um trauma na vida do casal. Esse motivo, sozinho, já faria valer o investimento, mas não para por aí!

Os profissionais de casamento, geralmente, têm acesso a pacotes especiais com fornecedores de todo tipo de produto e serviço, desde buffet e decoração à segurança, DJs e garçons.

Negociar sozinho, sem conhecer o histórico de cada um dos fornecedores, pode demandar um tempo precioso e quase sempre, o custo será o mesmo, ou até maior, do que se um profissional fizer isso pelos noivos.

Em resumo: se houver um profissional ou empresa de organização de casamentos disponível e com boas referências para organizar sua festa de casamento na praia, a contratação é uma opção melhor do que tentar realizar tudo sozinho. A próxima dica é relacionada à escolha do lugar da festa.

Qual a melhor praia para festa de casamento?

Escolher a praia para a realização da festa de casamento nem sempre é tão simples como os noivos gostariam. O lugar precisa ser acessível aos convidados, mas não tão acessível ao ponto de ser uma praia lotada. Também é necessário que seja uma praia com alguma infraestrutura, seja um hotel, restaurante ou casa, que possa oferecer suporte para noivos e convidados. Além disso, é preciso informar à prefeitura sobre a realização da festa e verificar se há alguma orientação ou exigência em relação ao uso do espaço público.

Hotel, casa ou restaurante para a festa?

Uma festa de casamento na praia é uma ótima escolha por vários motivos, mas não pode ser feita sem um suporte que garanta o conforto dos convidados. É importante lembrar que, mesmo com a conferência da previsão do tempo, mudanças repentinas de temperatura e clima podem acontecer e, nesse caso, só um espaço coberto e seguro pode garantir a continuidade da festa.

Para isso, será preciso utilizar o espaço de uma casa, restaurante ou hotel para os convidados. O buffet, por exemplo, precisa ser servido em um lugar onde seja possível sentar confortavelmente, com acesso fácil para a higienização das mãos e apoios para copos.

Buffet em festa de casamento na praia

Uma festa de casamento na praia segue a premissa de ser leve e descontraída e os alimentos servidos devem seguir essa linha. Frutos do mar são ótimas opções, mas existem pessoas que são alérgicas a esse tipo de alimentação, além daquelas que não gostam de alimentos marinhos, então é importante ter outras opções. *Finger Foods* e petiscos que possam ser servidos durante a festa também são boas pedidas. Quem quiser caprichar na decoração pode apostar em formatos inspirados na praia, inclusive para os doces. Essa escolha pode ser feita pelos noivos, sozinhos ou em acordo com um profissional organizador de casamentos.



Casamento de Aline e Ronaldo na Praia Vermelha do Centro Ubatuba/SP, em novembro de 2020. Foto: Carol Veloso.

Organização dos banheiros

Além dos cuidados relacionados ao clima e à alimentação, é de suma importância garantir que haja infraestrutura com acesso fácil a banheiros.

Para garantir que será possível que todos os convidados tenham acesso a banheiros limpos, confortáveis e seguros, é importante que a festa seja feita em convênio ou parceria com um restaurante ou hotel, ou em uma casa na praia e que, em todos os casos, as locações fiquem bem próximas à “pista de dança”. Além disso, é essencial que tudo esteja devidamente combinado, organizado e sinalizado, para que os convidados saibam onde são os banheiros e como acessá-los.

Transporte para os convidados

Uma festa de casamento na praia é um evento realmente digno de algum esforço para comparecimento, porém, se a praia escolhida for muito distante da cidade ou tiver acesso muito difícil, alguns convidados podem não ter como chegar.

Caso a praia seja distante da área urbana ou não tenha acesso fácil para veículos, o ideal é que os noivos providenciem o acesso, organizando um transporte coletivo, um ponto de encontro ou a estadia antecipada, para que não haja imprevistos e situações desconfortáveis para os convidados.

Casamento na praia: experiência que exige muitos cuidados

Gerador de energia: infraestrutura básica

A maioria dos casamentos na praia acontece de dia, mas a festa não tem hora para acabar. Para garantir som e iluminação de qualidade, por um período considerável, é importante contar com um, ou mais, gerador de energia. Iluminação com lamparinas e tochas também podem ser utilizadas, de forma decorativa e complementar.

Convite para festa de casamento na praia

A organização de uma festa na praia não pode deixar de levar em conta que o mais importante em qualquer evento é a presença e o bem estar dos convidados. Não são poucas as pessoas que nunca foram a uma festa na praia e não têm ideia do que vestir, o que levar e como se portar.

O convite pode, e deve, ajudar os convidados a entenderem o estilo da festa. “Haverá DJ”, “Buffet com Frutos do Mar”, “Casamento Pé na Areia” e outros dizeres podem dar uma dica, mas também é perfeitamente possível anexar uma cartinha ao convite, explicando sobre o local de estacionamento, se há hospedagem para os convidados e outras informações importantes.

Equipe de limpeza pós-festa

Tão importante quanto ter uma festa de casamento na praia inesquecível é garantir que a mesma praia será palco de outras uniões felizes e especiais. Para isso, é importante se certificar de que quando a festa terminar haverá uma equipe responsável pela coleta de lixo, limpeza e organização do espaço.

Esse pacote de serviços pode ser contratado pelo organizador profissional do casamento ou pelos noivos, e comprovantes da realização do serviço devem ser solicitados para garantir que o casal não terá surpresas desagradáveis com notificações da prefeitura ou multas ambientais.

Considerações Finais

A organização de um casamento na praia não é tão complicada, mas deve ser feita com paciência e tempo para cada detalhe. É importante olhar para a festa com olhar de organizador e também, como convidado.

Verificar a facilidade da chegada e saída do local, acesso a banheiros, segurança, assistência médica próxima em caso de emergência, se os alimentos servidos atenderão a vegetarianos, a veganos, a pessoas idosas e crianças, se os profissionais que trabalharão estão bem orientados sobre os horários em que precisarão estar disponíveis e quais serviços deverão executar, entre outros detalhes.

Pensando com carinho e antecedência para resolver qualquer problema durante o processo da organização, uma festa de casamento na praia pode ser a melhor experiência da vida dos noivos e dos seus convidados.



Casamento de Jheine e Khallel na Praia Vermelha do Centro Ubatuba/SP, em outubro de 2020. Foto: Ohara Fotografia.

**Uma lembrança irretocável
e inesquecível!**

HELLEN NOGUEIRA (UBATUBA, SP)

SITE: WWW.CASAMENTOSUBATUBA.COM.BR

INSTAGRAM: [@CASAMENTOSUBATUBA.HELLEN](https://www.instagram.com/CASAMENTOSUBATUBA.HELLEN)

O cenário das atividades de eventos no pós-pandemia

Muito tem se discutido no mercado de eventos sobre o futuro da atividade, não somente no Brasil, mas no mundo. Instituições como o Comitê Nacional de Cerimonial Público - CNCP e a Associação Brasileira de Empresas de Eventos - ABEOC Brasil vêm realizando e publicando estudos e orientações aos organizadores, à medida em que a situação avança. Pesquisa do Sebrae realizada em 2020, em parceria com a ABEOC e com a União Brasileira dos Promotores de Feiras (Ubrafe), ouviu 2.702 empresas e constatou que a pandemia impactou 98% das empresas do segmento de eventos.

Tudo aconteceu muito rápido com a pandemia e tivemos que nos adequar às mudanças. Com o distanciamento social, a primeira saída foi tornar tudo remoto, eventos 100% online e entregando uma experiência diferente, porém, com a mesma qualidade e eficiência. Mas até quando viveremos essa nova realidade? Aos poucos, com responsabilidade e inúmeros cuidados, os eventos 100% virtuais começaram a ser acompanhados por parcelas de participação presencial, em uma combinação que ficou consagrada como “evento híbrido”, em uma tentativa de transição gradual para o “novo normal”.

O chamado “novo normal” ainda é uma incógnita. O fim da necessidade do isolamento social vai demandar muitas adaptações para o setor de eventos. Principalmente no que diz respeito às orientações protocolares de saúde. E isso envolve organizadores, fornecedores, palestrantes, públicos e parceiros que precisam garantir a segurança de todos. Essa retomada está muito gradativa e será necessária muita cautela.

***EDUARDO ESPOSEL**
BACHAREL EM DIREITO,
ESPECIALISTA EM CERIMONIAL E
PROTOCOLO, TRABALHA COM
EVENTOS HÁ 25 ANOS. ATUOU
COMO SUB-CHEFE DO CERIMONIAL
DA PETROBRAS DE 2014 A 2020,
ONDE ATUALMENTE É
PROFISSIONAL MASTER
ENCARREGADO PELA ÁREA DE
EVENTOS DA PRESIDÊNCIA.



Para especialistas do setor, o novo normal terá características positivas dos eventos virtuais e também dos eventos presenciais, como maior distanciamento entre as pessoas e procedimentos rígidos de higiene e saúde. Para a jornalista e consultora de etiqueta, Claudia Matarazzo, a pandemia irá deixar este legado para o setor de eventos no que diz respeito aos cuidados com a saúde e a bio-segurança, que ela traduz como “etiqueta preventiva”:

“Se antes da pandemia Covid-19 a Etiqueta era considerada importante, agora, no retorno às atividades presenciais Pós-Covid, ela é essencial, com uma característica a mais, pois a Etiqueta Preventiva acrescenta fator fundamental nessa transição: a Bio Segurança”. (Claudia Matarazzo)

Segundo a ABEOC Brasil, em relação às medidas de preparação para a retomada dos negócios, cerca de 30% das empresas estão aproveitando este momento para aprimorar a gestão. As outras ações incluem o fortalecimento do relacionamento com o mercado (25%), o investimento na qualificação da equipe (17%), a adoção de novas tecnologias (15%) e de ações mais sustentáveis (12%).

Um das boas estratégias é contar com o suporte e benefícios de uma Consultoria. É necessário estar no mercado para acompanhar as transformações, que vêm acontecendo com grande velocidade, seja na sua implantação ou nas mudanças que vêm sofrendo.

Com a pandemia, as empresas tiveram que se adaptar a uma nova realidade, com vários desafios. A gestão e planejamento de eventos para empresas é uma maneira eficiente de construir relações com todos os públicos de relacionamento da organização e para o alcance das metas diante da realidade atual. Capacitação dos colaboradores, preparo e conhecimento prévio sobre o assunto são fundamentais para evitar erros que podem comprometer a imagem da empresa. Ao utilizar essa estratégia, aumenta sua capacidade de promover eventos Pós-pandemia com excelência.

Outra estratégia deve ser a de monitorar os resultados para aferir o alcance real dos objetivos dos eventos virtuais e híbridos. Sempre que possível, comparar os efeitos entre os eventos de acordo com critérios como: plataforma utilizada, tempo de evento, formato etc. Já percebemos que sim, é possível realizar eventos sem presença física, mas sabemos se os resultados alcançados são os mesmos ou, pelo menos, satisfatórios? Nos formatos de hoje, frequentemente não temos nem a certeza de que o público está de fato do outro lado, ou somente com o computador ligado, por exemplo.

Outra boa estratégia é investir na gestão de riscos para não gerar situações indesejadas e/ou potenciais crises. Com a mudança de formatos e meios, é necessário identificar os riscos desta nova realidade (conexão da internet, ausência física, links de acesso, microfones desligados, etc.) e também tratar riscos que já existiam em menor grau (como a higienização dos espaços e o distanciamento físicos, por exemplo).

A atuação no meio digital, que já era tendência, surge como alternativa para garantir a sobrevivência de muitas empresas. Para melhores resultados, antes de realizar eventos virtuais ou híbridos, a primeira etapa é arrumar a casa, estruturar um caminho ou projeto e manter a equipe engajada. Além disso, conhecer bastante seu público, para compreender as necessidades, habilidades e especificidades daqueles com quem estamos querendo nos comunicar.

O uso da tecnologia emotiva e da inteligência criativa são grandes diferenciais e, por meio delas, é possível se antecipar e atender às necessidades dos clientes. As áreas de eventos atuam para sensibilizar positivamente o ser humano, que podem ajudar na elaboração de conteúdos e estratégias para as empresas. Tanto nos eventos virtuais como nos presenciais, é fundamental para o sucesso considerar a diversidade, os aspectos culturais e sociais, bem como as experiências do grupo.

O futuro do setor está na democratização do acesso a conteúdo de qualidade. Está também na capacidade de enxergar as possibilidades infinitas do ecossistema digital. Para se manterem vivas, as empresas precisam continuar tratando os eventos, mesmo que à distância, como grandes celebrações da vida, gerando emoções. A importância de se realizar eventos, mesmo em condições adversas, é defendida pelo consultor em gestão estratégica de Cerimonial e Eventos, Pedro Amorim:

“Sem os eventos, não há luz sobre os acontecimentos. Realizá-los é contar histórias. De encontros, revelações, comemorações, conquistas, superações. O ano de 2020 pode ficar marcado para o setor de eventos como o ano em que muitas boas histórias não foram contadas. Ou pode ser o ano em que muitas boas histórias foram contadas de maneiras diferentes, nunca antes vistas. O importante é não as deixarmos passar em branco”. (Pedro Amorim)

Uma boa solução e que já é muito falada para a realização da atividade de eventos no cenário pós-pandemia, além do virtual, já realizado, é adotar a estratégia de eventos híbridos (que combinam componentes presenciais com virtuais). E isso pode acontecer de diversas formas: pode ser um evento presencial com elementos digitais na sua transmissão, com a participação de um dos palestrantes de forma remota, e pode ser também, através da transmissão de todo o evento para que os inscritos escolham entre participar presencialmente ou de forma *on-line*. Mesclando a participação e a retomada, conforme cada um se sinta confortável e funcione bem para todos.

Quais as vantagens de um evento híbrido?

- **Custo:** investir em eventos híbridos pode ser uma grande economia. Palestras remotas reduzem os custos com viagens, hospedagens, alimentação e locomoção. Não é necessário um ambiente físico que comporte todos os participantes, pois eles podem estar *on-line*.
- **Aumento do alcance:** unir em um mesmo evento o universo presencial e virtual, fará o evento ter um alcance melhor com um público ainda maior. Muitos deixam de participar de eventos por estarem longe, e outros não trocam a experiência presencial por nada. Com os eventos híbridos, dá pra agradar os dois públicos.
- **Participação mais engajada:** você pode usar as mídias *on-line* na comunicação do evento enquanto ele ocorre e isso possibilita ter feedbacks em tempo real e ver o que está ou não agradando seu público.

É possível prever algumas das possíveis tendências para as empresas em um cenário pós-pandemia:

Cuidados com o bem-estar do funcionário: A humanização está cada vez mais presente nas empresas e agora, mais do que nunca, é preciso pensar em diferentes estratégias para garantir bem-estar dos funcionários.

Inovação: pesquisas mostram que a maioria das empresas precisarão de mais inovação para crescer ou mesmo sobreviver no mundo pós-pandemia. Essa inovação não só garante maiores chances de sucesso para as empresas em relação aos concorrentes, mas também faz com que elas sempre repensem processos e busquem soluções mais práticas para o dia a dia.

Tecnologia: o acesso remoto aos dados e às informações do negócio garante ao gestor o controle da empresa de onde estiver. Uma das principais ferramentas que facilitam a questão de trabalho remoto é a operacionalização em nuvem. Com ela, a equipe pode armazenar os mais variados tipos de arquivo e todos da equipe podem ter acesso.

Home Office: muitas empresas não poderão receber todos os colaboradores de uma só vez. O retorno será gradativo por um determinado tempo até que o cenário se normalize, além da economia de gastos que a empresa tem com infraestrutura e deslocamento.

O futuro do cenário pós-pandemia como um todo ainda é incerto. O tempo de cada um para retomar a vida de antes também é muito particular. Mas temos que estar preparados para nos adaptarmos da melhor maneira possível. As empresas e os organizadores de eventos precisarão entender a maneira de mesclar essas experiências e comunidades de maneira consistente, eficaz nos resultados e fácil de se envolver.

E cada novo passo dado será mais um aprendizado para todos nós.

EDUARDO AUGUSTO CORREA ESPOSEL (NITERÓI, RJ)

E-MAIL: ESPOSEL@GMAIL.COM

PARCEIROS INSTITUCIONAIS:



ACADEMIA BRASILEIRA DE
CERIMONIAL E PROTOCOLO



**TODO
CERIMONIALISTA
PRECISA SER
ESTRATEGISTA.**

**TREINAMENTOS,
WEBINARS E
CONSULTORIAS EM
GESTÃO DE EVENTOS,
CERIMONIAL E
PROTOCOLO.**



**GESTÃO
Diamante**
CONSULTORIA

www.pedroamorim.com